

IV enanparq

Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016

TÍTULO DO TRABALHO

Construir cidades, construir homens, construir lugares sociais:

Associativismo e urbanismo (1905-1935)

Chicago e o caso do Rotary Club

SESSÃO TEMÁTICA: Pioneiros do Urbanismo no Brasil (1890-1930) e suas referências ao ideário internacional

Autor

Margareth da Silva Pereira

PROURB-UFRJ

margaspereira@gmail.com

Construir cidades, construir homens, construir lugares sociais:

Associativismo e urbanismo (1905-1935)

Chicago e o caso do Rotary Club

RESUMO

Nas três primeiras décadas do século XX multiplicam-se em algumas cidades brasileiras associações civis que, sob diferentes formas jurídicas, lutam pela ampliação do acesso de seus membros a bens, serviços e equipamentos ou, simplesmente, por direitos e novos lugares sociais. Esta comunicação enfoca esses tempos nos quais diferentes grupos da sociedade civil tomam para si e diante de uma noção de estado pouco afirmativo ou regulador, um papel ativo no sentido de promover *reformas* em aspectos tanto materiais quanto culturais das cidades, visando atender demandas específicas dos seus associados. Em nome da ciência, da racionalidade ou do equilíbrio entre o interesse e a prosperidade individual e a salvaguarda do interesse coletivo, associativismo e urbanismo fundem-se na busca de cidades melhores, mas também instauram novos atores e novos perfis e lugares sociais.

Os espaços de sociabilidade e de ação pública dessas entidades - clubes, cooperativas, ligas, sindicatos, sociedade, mutualidades ou institutos - trabalham no sentido não apenas de recortar e colocar no centro dos debates diversos aspectos da vida coletiva contemporânea, como fomentar junto a diferentes grupos a ideia de uma "cidade futura" e seu plano, projeto ou programa que lhes incluam, contemplando seus interesses. A comunicação enfoca o sucesso, insucesso, mudanças e conflitos de algumas dessas associações de alcance nacional e internacional tomando como pauta as figuras dos engenheiros Everardo Backheuser (1879-1951) no Rio e Anhaia Mello (1891-1974) em São Paulo. É tratado o Rotary Club, do qual ambos se aproximaram e ainda pouco estudado sob este prisma. De fato, além de contribuir para a institucionalização e difusão do urbanismo o movimento associativista crescente até 1930, pouco a pouco contribuiu para a construção da própria ideia de um *estado do bem estar* e merece ter seu papel reavaliado quando muitas de suas conquistas são revertidas e desconstruídas e as organizações sociais ganham um novo protagonismo.

Palavras-chave: urbanismo, associativismo, Rotary Club, welfare state

ABSTRACT

Building cities, men and social places: local associative movement and urban planning (1905-1935)

Chicago and the Rotary Club case.

In the first three decades of the twentieth century a great number of civil associations under different legal forms were created in some Brazilian cities, fighting for increased access of its members to goods, services and equipment or simply rights and new social places. This paper focuses on these times in which different groups of civil society, facing the absence of the idea of welfare state, played an active role in promoting urban reforms in both material and cultural aspects. In the name of science, rationality or the balance between public and private interest, local associative movements and

urbanism merged in search of better cities, introducing new actors, new profiles and social practices. The spaces of sociability and public action of these organizations - clubs, unions, leagues, cooperatives, mutual societies or institutes - work to promote the idea of a "future city" and its plan, project or agenda. This paper focuses on the international growth of a Chicagoan association - the Rotary Club - inspired by engineer Anhaia Mello (1891-1974) in São Paulo, who published his first book on Urbanism in Brazil under Rotary Club's sponsorship. Besides contributing to the institutionalization and dissemination of urbanism the increasing associative movement till 1930, little by little also promote the very idea of welfare state. In this terms the associative movement history, particularly as Chicago export it by the rotarians actions should have their role re-evaluated at the interior of the urban history itselfes.

Keywords: urbanism, associative movement, Rotary Club, welfare state.

Chicago : de laboratório a escola de urbanismo

Desde seus primeiros anos de formação, sociólogos e arquitetos aprendem sobre a importância da *Escola de Chicago*. Contudo, o que para os primeiros significa uma nova forma de abordagem e um método de observação dos fenômenos urbanos - desenvolvidos, sobretudo, por Robert Ezra Park e Ernest Burgess em uma cidade que já se definia no início do século XX como um dos "laboratórios sociais mais completos do mundo" - para os segundos tem um sentido inteiramente diferente. Na verdade, quando foi fundada a Universidade de Chicago, em 1890, e é criado o seu Departamento de Sociologia, em 1892, a "escola de arquitetura" de Chicago já estava em pleno processo de amadurecimento. Pode-se dizer que a sociologia urbana passaria a ganhar forma em Chicago a partir de 1915 com a publicação do primeiro artigo de Robert Park que enfoca a cidade e que justamente resulta de sua experiência, no Departamento mas antes de tudo na própria cidade: *The City : Suggestions for the Investigation of Human Behavior in the City Environment*. [Lannoy, 2004, 157-184]

Falar em "escola de Chicago" para os arquitetos significa, por sua vez, evocar inovações no campo da arquitetura produzidas por três gerações de profissionais que engendraram uma maneira de pensar e construir também marcada por um sentido prático e experimental. Estas inovações haviam começado a ganhar contornos a partir de 1871, com a reconstrução de Chicago após um incêndio que a destruiu inteiramente. Assim, embora também marcada pela originalidade, a "escola de arquitetura" evoca Chicago como uma espécie de laboratório de onde emergem realizações arquitetônicas.

De Henry Robson Richardson e o projeto da *Marshall Field Wholesale Store (1885-87)*, até as *Pairies Houses (1894-03)* de Frank Lloyd Wright no *Oak Park*, passando pelos trabalhos de Louis Sullivan no *Auditorium Building (1886-89)* não só certos tipos de edifícios ganham forma em Chicago, como prefiguram imagens modernas de cidade. Com arranha-céus corporativos e de serviços na área central e com *residences* nos *suburbs* - é uma nova configuração de vida coletiva que passa a ser observada e estudada, antes que sua forma seja denominada não mais *cidade*, mas *metrópole*.

Nas páginas que se seguem tentaremos demonstrar que, entre a arquitetura e a sociologia, certas formas de organização e de prática social em Chicago geraram o que poderíamos chamar de uma terceira "escola", a de urbanismo, entendido sobretudo como um braço da administração das questões municipais. Embora esta não seja uma originalidade de Chicago, é nesta cidade, que uma vasta nebulosa de associações sociais se engajaram na promoção de reformas sociais [Topalov, 1999] e, sobretudo, na instauração de novas práticas associativas em uma escala e em um ritmo desconhecido e ímpar. Em Chicago, desde os primeiros anos do século XX, o próprio conceito de "ação social" alcança ainda mais visibilidade e, graças a uma de suas instituições - o Rotary Club - se exporta. Se a tradição de observação social, ecológica, empírica e pragmática da "escola de sociologia", consolidada no período entre guerras, é um movimento raramente associado à sua

"escola de arquitetura", há, contudo, uma ponte sobre qual não se fala e que leva de uma a outra: isto é, a escola de urbanismo e na qual o Rotary se forma.

É esta escola de urbanismo que, em um certo sentido, sucede aos debates sobre arquitetura dos anos 1870 e que ganhariam a escala da própria cidade, trinta anos mais tarde a partir da concepção da *International Exhibition Fair*, de 1893 e, que amadurece no contexto de elaboração do plano urbanístico de Burnham e Bennet, de 1907. Em outro sentido, é ela que precede - no contexto de discussão do próprio plano e de sua difusão - a reflexão sobre a cidade, seus territórios, os perfis demográficos e sociais de seus novos habitantes, de suas culturas e modo de vida ou de suas lutas e estratégias de assimilação e sobrevivência. Em muitos aspectos são os debates travados nesta escola de urbanismo que preparam o programa que será seguido pela "escola" de sociologia em sua primeira fase até 1925.¹

É interessante observar que o Departamento de Sociologia da Universidade foi o primeiro dos Estados Unidos. Note-se, ainda, que o método de observação e análise que começou a ser desenvolvido no departamento estaria à base da própria constituição da sociologia como campo de reflexão sobre as formas de vida coletiva. É por isso que para muitos sociólogos Chicago foi considerada de fato um laboratório social mas para muitos arquitetos ela foi também o canteiro em que foi gestada um novo tipo de concentração de indivíduos e de atividades, a "cidade moderna". [Castex, 2009]

De fato, a diversidade de comunidades e grupos que passariam a compor as cidades ao longo do século XIX é claramente sensível em Chicago que dobra sua população entre 1900 e 1930 e favorece o movimento associativo e de ajuda mútua. A explicitação da heterogeneidade das redes de interesses mas também a cooperação e a construção de consensos possíveis em meio aos conflitos entre culturas, classes ou modos de vida decorrentes do próprio perfil, plural, das sociedades modernas passam a balizar os comportamentos coletivos.

Suas práticas se pautam em reivindicações, negociações ou parcerias claras junto a prefeitos e autoridades públicas em prol de suas agendas mas também desenvolve estratégias, mais ou menos sutis, de conscientização e propaganda de seus ideais. Ora, as experiências testadas e acumuladas em Chicago, serão traduzidas, conduzidas e propagadas pelos cinco continentes por uma associação que nasceu em 1905 na cidade - o Rotary Club. É a internacionalização destas formas de ação social e pública pela mediação de um mesmo ator institucional - o Rotary -, o que justifica, justamente, que falemos, assim, de uma "escola", que seria, portanto, a passarela da escola arquitetônica àquela de sociologia. Mas nessa escola de urbanismo e de trato das questões da cidade as ações coletivas ganhariam importância também nos campos da educação e da política.

¹ Tomamos aqui a ideia de que a republicação com revisões do próprio R. E. Park de seu artigo *The City* nesse ano é um sintoma de mudanças ou pelo menos ajustes nas próprias visões teóricas que marcam inflexões na "escola" cf Pierre Lannoy, « Quand Robert Park écrit « La ville » (1915). Essai de scientométrie qualitative ».

Seu primeiro traço distintivo seria uma forte parceria público-privada e a ideia que é a partir da ação local e de práticas participativas que deveria ser concebida a construção e gestão das cidades e o "governo dos negócios públicos e municipais". Dito de outro modo, esta escola de urbanismo - e de administração municipal - carrega em si a ideia de que compete à esfera privada, reunida em sindicatos, associações, sociedades, cooperativas, *unions*, *settlements* ou outras formas de organização de grupos de interesse propor, lutar, interagir e cooperar uns com outros definindo « de baixo para cima » e, conjuntamente aos poderes públicos, as regras do funcionamento da sociedade, suas prioridades de ação, e as próprias formas arquitetônicas e sociais das cidades.

Ainda que por razões religiosas, econômicas ou políticas certas soluções ou iniciativas pudessem ser comuns a várias cidades, as modalidades de ação das autoridades públicas seriam estabelecidas empiricamente, caso a caso e passo a passo. Em consequência, também são notáveis as implicações desta maneira de pensar e praticar o urbanismo com os movimentos municipalistas.

É justamente sob o ângulo da Chicago "cidade-laboratório de interações sociais" que vemos nascer o Rotary Club, uma dentre as centenas de organizações sociais que militam ou simplesmente protegem seus interesses na cidade. Entretanto, durante as duas primeiras décadas do século XX, a própria dinâmica social em suas interações, rapidamente modifica o perfil inicial do Rotary. A partir da experiência associativa inspirada e pouco a pouco forjada no ambiente social dessa escola de governança dos negócios públicos e municipais, que é Chicago, o clube, ele próprio e suas práticas, se exportam, se cristalizam e se reproduzem internacionalmente mas também se renovam e se declinam caso a caso.

De todo modo, seja na "escola de arquitetura" ou na "escola de sociologia" de Chicago a ideia de observação "in situ" da diversidade de cada uma das configurações desse novo cenário se impôs, mas não apenas no interior das universidades ou dos círculos letrados. A análise das situações e das relações entre indivíduos e grupos, sobretudo no período 1900-1930 passou a ser quase uma prática generalizada, cotidiana, e quase uma condição *sine qua non* para as próprias "táticas de subsistência". Pelo menos é isso que permite pensar pelo foco de interesse de Park ou se depreende à leitura do famoso texto de Louis Wirth² membro também ele do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago - *Urbanism as way of life* - escrito, todavia, já bem mais tarde em 1938.

O texto de Wirth explicita as visões compartilhadas por amplos setores da sociedade local tanto sobre a violenta modernização nas relações de trabalho e sociais observadas desde fins do século XIX nas cidades em geral, e em Chicago em particular, quanto na forma de considerar a vida nas cidades. De todo modo, desde o início do século XX, seja pela antecipação de fenômenos que se generalizam,

² Louis Wirth inicia suas atividades com instrutor no Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago em 1926, mas já participaria com Park e outros autores de *The City* e em 1928 publicaria seu primeiro livro de grande impacto *The Ghetto*, 1928.

seja pela observação deles, Chicago passa a exibir uma forma exemplar de organização social e de ação pública – “*bottom up*” – engajada em amplos debates sobre o devir das cidades.

Nos limites deste texto busca-se sublinhar que desde os anos 1880 e até a crise de 1929, as condições técnicas, artísticas e sobretudo, sociais do grande laboratório e canteiro de Chicago irá também fomentar a organização de outros saberes urbanos. A escola de gestão das questões municipais, ou, simplesmente, de urbanismo, fomentada aí e exportada pela rede dos clubes rotários, provocaram impactos claros, inclusive no Brasil [Pereira, 2011]. Sua característica principal seria a de fomentar o engajamento de amplos setores sociais nos debates sobre a cidade em que se vive, o que, em consequência, levaria à criação, no caso do Brasil, de uma série de associações, clubes e institutos, dentre eles a Sociedade de Amigos da Cidade do Rio e de São Paulo.

Os braços invisíveis da ação do Rotary Club

De fato, nas três primeiras décadas do século XX multiplicam-se em algumas cidades brasileiras associações civis que, sob diferentes formas jurídicas, lutam pela ampliação do acesso de seus membros a bens, serviços e equipamentos ou, simplesmente, por direitos e novos lugares sociais. Diante de uma noção de estado pouco afirmativa ou reguladora, em relação ao que se veria 30 anos mais tarde, diferentes grupos da sociedade civil tomam para si um papel ativo no sentido de promover *reformas* em aspectos tanto materiais quanto culturais das cidades, visando atender demandas específicas dos seus associados. Em nome da ciência, da racionalidade ou do equilíbrio entre o interesse e a prosperidade individual e a salvaguarda do interesse coletivo, associativismo e urbanismo fundem-se na busca de cidades melhores, mas também instauram novos atores, novos perfis, lugares e práticas sociais. A associação de maior alcance nacional e internacional criada nesses anos foi certamente o Rotary Club.

Embora a ação do clube se alastre por todo o continente americano e pelo Brasil, pode-se dizer que, até 1937, foi em São Paulo que as iniciativas e diretrizes do Rotary sobre o governo das cidades fomentou um dos mais amplos movimentos de reforma no âmbito do urbanismo nascente. Um dos seus suportes teóricos e até certo ponto de legitimação político-administrativa foi o engenheiro Luiz Inácio de Anhaia Mello.

Os espaços de sociabilidade e de ação pública de atores e entidades - clubes, cooperativas, ligas, sindicatos, sociedade, mutualidades ou institutos - trabalham no sentido não apenas de colocar no centro dos debates diversos aspectos da vida coletiva contemporânea, como fomentar a ideia de uma "cidade futura" e seu plano, projeto ou programa que inclua e contemple os interesses de seus membros.

É certo que hoje alguns sociólogos começam a perceber os nexos entre alguns importantes atores do planejamento urbano e a rede transnacional do Rotary Club. Contudo a organização, ela própria, não

foi estudada e nem mesmo a ampla gama de iniciativas que seus membros empreenderam em diferentes municipalidades através do Brasil e da América Latina, por exemplo. De nossa parte, vimos sublinhando a importância de pensar o urbanismo não como uma disciplina mas como um campo de convergência de saberes sobre a cidade, contemplando, assim, o impacto de atores sociais como o Rotary Club nas decisões sobre a forma, vocabulário e ação nas cidades brasileiras do século XX [Pereira, 2011]. Mas mesmo aqui, sua ação pública ainda é pouco estudada.

De fato, além de contribuir para a institucionalização e difusão do urbanismo o movimento associativista crescente até 1930, e o Rotary em particular, ao sustentar uma certa ideia de direitos (e deveres) urbanísticos, contribuiu, pouco a pouco, para a construção da própria ideia de um *Estado do bem estar*, malgrado sua matriz liberal. Por outro lado, em um momento em que esse papel do Estado em muitos setores é reavaliado e as organizações sociais ganham novo realce, parece oportuno insistir na análise dos sucessos, insucessos, mudanças e conflitos de algumas dessas associações de alcance nacional e internacional, das *nebulosas reformadoras* que formaram em torno de seus interesses e, enfim, dos ideários dos seus protagonistas.

Em uma rápida cronologia lembremos que o advogado Paul Harris criou em 1905 o primeiro Rotary Club. Seis anos mais tarde sua iniciativa já se espalhava pelos Estados Unidos, Canadá e começava a se difundir na Europa, começando pela Grã Bretanha. Como se sabe, 49 rotarianos participariam da redação da Carta das Nações Unidas, em 1945, e graças às decisões de uma Convenção rotária dedicada à educação e aos intercâmbios culturais, realizada em 1943, seria criada a UNESCO. Como resultado desse seu papel, ainda hoje o *Rotary International* dispõe de um representante permanente junto ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas, bem como, de representantes junto a Organização Mundial da Saúde e da UNICEF com escritórios em Genebra e Nova York nos próprios locais ocupados pela ONU, o que lhe permite como organização não governamental intervir diretamente na formulação de diretrizes e políticas implementadas e observadas nas “quatro partes do mundo”. Organização assim localmente assentada, há mais de um século, não se pode esquecer que o Rotary age globalmente.

No Brasil, as tentativas para a criação do clube datam de 1916, embora a fundação no Rio e em São Paulo datem respectivamente de 1922 e 1924. O contexto de fundação dos dois clubes é marcado de saída pelo interesse pelas questões urbanas. No Rio a criação dá-se no contexto das celebrações do Centenário da Independência e de grandes debates sobre a cidade. Em São Paulo é a própria figura do seu primeiro presidente Victor da Silva Freire, eminente engenheiro Diretor das Obras Municipais da Prefeitura de São Paulo e criador do neologismo "urbanismo", em português, que lhe imprime essa marca.³

³ cf. M. da Silva Pereira, op.cit. Hoje o clube reúne mais de 1 milhão e duzentos associados em 219 países e regiões mas sejam urbanistas, sejam historiadores da própria cidade de Chicago não perceberam o alcance cultural e político desta poderosa organização civil que enraiza sua roda rotária em pequenas e grandes cidades do planeta: de Arequipa a Londres, de Aquidauna a Colombo, de São Paulo a Nova Iorque, passando por Paris, Dusseldorf, Bombaim, Baranquilha, Dublin, Caracas, Lima, Mendoza...

Crises urbanas, municipalismos et urbanismo - ativismo e senso comum

Desde o final do século XIX, e bem antes de Chicago, diversas cidades mostraram um forte interesse pelos temas municipais e um progressivo engajamento em ações afirmativas em relação aos mesmos por parte das autoridades locais, à despeito das suas tradições particulares sobre municipalismo ou das diferenças no ritmo e na amplitude dos processos de urbanização. Esse movimento em diversos países, notadamente na Inglaterra, na Alemanha e em certas regiões da França e da Itália, por exemplo, embora estimulados por conjunturas diversas revelam uma forte reconfiguração internacional nos papéis e no poder das cidades, frente a um momento de regulação sistêmica do campo político-econômico e, mais precisamente, das culturas cidadinas.

De fato, a internacionalização crescente dos contatos e das trocas que passaram a fazer parte do dia a dia de várias cidades ao longo do século, aliavam-se, agora, a uma nova mobilidade física e social dos indivíduos, permitindo constatar não apenas mudanças em relação às formas de vida social tradicionais mas também cogitar sobre as possibilidades de recomposições de alianças entre diferentes campos de ação. Por outro lado, a *mise-en-perspective* do passado de sociedades e cidades, sistematicamente iniciadas por estudiosos como Burckhardt ou Cerdá, permitirá uma historicização do processo de formação de povoações e até mesmo de modalidades de associação entre indivíduos.

Ora, se esses trabalhos por um lado revelavam como havia se constituído a própria fabricação da sociedade *burguesa* e de suas "*cidades*", esse processo passa a ser visto cada vez mais como *histórico*, sublinhando aqui também as possibilidades de ser modificado, refundando-se agora as povoações sob novas bases. Assim, como alguns passaram a concluir graças às revoluções sociais ou tecnológicas que se acumulam ou que desenham um novo horizonte de possibilidades, talvez se estivesse no fim de um tempo marcado pela morte da "cidade" tradicional e pela gênese de uma forma de urbanização generalizada, "sem lugar nem limites" e que seria, agora, a do reino de uma situação "urbana" generalizada, como tão bem apontou F. Choay.⁴

Estas duas tendências enquadram, assim, a atenção sobre a dimensão local, permitindo, entretanto, constatar em uma perspectiva transnacional do campo político e cultural a importância que, entre 1900-1930, adquirem os movimentos associativos e o municipalismo.

De fato, os movimentos associativos locais tentam fazer frente às fraturas que vão sendo sentidas com as mudanças nas práticas de sociabilidade e com a instabilidade causada pelas antevisões que

⁴ F. Choay. *Destinos da Cidade européia: séculos XIX e XX*. Neste prefácio do catálogo de uma exposição que o Centro Georges Pompidou dedicou às cidades em 1994, a autora começou a nos ajudar a compreender com Marc Bloch as instabilidades de sentido dos usos das palavras, apontando o deslocamento semântico entre os termos "cidade" e "urbano". Contudo, essa tomada de distanciamento crítico só ganharia maior clareza com o prefácio do livro de Melvin Weber, *L'urbain sans lieu ni borne*, publicado na França em 1996.

são introduzidas pelas novas possibilidades de vida coletiva, oferecidas sob pressão das novas tecnologias de informação e comunicação (como o telefone, o automóvel e em breve o avião e o rádio) ou do socialismo e do anarquismo crescente. Diante de crises econômicas, demográficas, sanitárias, políticas e acima de tudo, identitárias, que em ondas regulares desestabilizam as cidades, a defesa do "bom governo" passa a inspirar uma série de ações municipais conduzidas por organizações locais em vários países e que revelam práticas de reivindicações e negociações semelhantes.

É nesse quadro geral que, como se sabe, diversos movimentos associativos nacionais e transnacionais tomaram forma na virada do século XIX ao XX na Europa, reunindo prefeituras, prefeitos, funcionários municipais ou instituições ligadas à nebulosas reformadoras, filantrópicas ou de ajuda mútua. Ainda que mobilizadas em torno de diferentes interesses e programas, para a maior parte dos atores engajados nos movimentos trata-se de contestar o poder discricionário do Estado mas, sobretudo, de promover a sutura, às vezes nova, dos laços sociais em torno de uma nova cidadania.[Gaudin, 2004]

A formação das redes locais e transnacionais e, assim, do associativismo torna-se um modo de propulsar ou de defender plataformas de reivindicações singulares ou universais. Agregam sociedades historicamente enraizadas mas também indivíduos isolados dos seus grupos sociais e familiares e que agora se reinserem e reúnem como gênero, classe ou tipo em "famílias escolhidas", segundo a natureza de seus próprios interesses⁵, cujo tamanho varia e depende da plasticidade das próprias redes.

Ora é em torno da plasticidade das sociedades e das redes que talvez pudéssemos - antes de entrar na matéria - situar, portanto, a singularidade de Chicago e sua escola de urbanismo nas duas ou três décadas do século XX, bem como o desenvolvimento de uma organização civil como o Rotary Club e a plataforma de ação municipal que ele passará a sustentar à medida que se internacionaliza.

De fato, em termos genéricos, a dimensão singular e local - ou comum e internacional - não é uma escolha nem uma estratégia: ela mostra simplesmente a elasticidades das redes em tempos de crise, de reterritorialização e de reconstrução das visões de mundo compartilhadas, em tempos de globalização. Como diríamos hoje, poder-se-ia acrescentar. De fato, se um olhar sobre si é imposto a cada cidade, ele se faz acompanhar de uma visada comparativa no âmbito do cosmopolitismo que cada cidade criou, dependendo justamente da elasticidade das suas próprias redes de intercâmbio. O municipalismo sendo a face complementar e indissociável de um internacionalismo das interações que cada sociedade e suas culturas entretêm.

⁵ Sejam os nomes que os reúna: clubes, associações, sociedades, mútuas ou cooperativas, sindicatos, uniões, ligas, entre outras figuras de contrato social que tomam forma ou ganham visibilidade segundo os grupos, as zonas culturais ou linguísticas.

Como havia sublinhado Gaudin [2001], o municipalismo durante esse período torna-se uma *palavra-mala*, onde cabem diferentes projetos com, pelo menos, três estados de espírito diferentes. O primeiro de tendência reformista visa o crescimento do "bem-estar" social; o segundo sustenta uma mobilização revolucionária nivelada por baixo e, assim, uma transformação ainda mais radical da sociedade; por fim, o terceiro, mais pragmático e economicista, visa, nas cidades, a eficiência e a otimização dos recursos técnicos e financeiros da administração.

Em certas cidades, esse localismo rapidamente irá evoluir das questões sociais mais gerais para as questões econômicas mas também para as questões operárias. Nasce em diferentes países um "socialismo municipal" com inúmeras nuances e que acompanha a progressiva organização do meio operário e das diferentes formações que delineiam os partidos socialistas.

Mas se no início do século XX, o "socialismo municipal" de certas cidades da Europa, tão diferentes quanto Roubaix ou Glasgow, começa a ser difundido internacionalmente, para certos observadores socialistas pareceria que o seu ideal de racionalidade, de equidade administrativa e de justiça social se realizaria de *per se*, pelas forças das circunstâncias. Como resumia, em 1895, o observador da revista italiana *Crítica Sociale*, as reformas administrativas e as novas formas de gestão das cidades se realizam porque o ideal socialista coincidiria "com o senso comum e com a própria necessidade da sociedade moderna." [Dogliani, 1992, 32]

Ora, uma percepção completamente diferente parece ter guiado a escola de urbanismo de Chicago. Igualmente municipalista mas do ponto de vista político muito mais reformista e ativista. De fato, durante o período que tratamos aqui para os habitantes de Chicago torna-se evidente - graças a explicitação da diversidade de interesses e da amplitude que alcança o associativismo - que não apenas "*qualquer um planeja*", mas também constrói as cidades. Como Abbot et Krueckeberger [1983], de diferentes modos chamaram à atenção, Chicago viveu nessas primeiras décadas do século XX um momento "cívico" excepcional "quando os interesse dos negócios e os interesse cívicos pareceram convergir". [Abbot, 2000] Mesmo para aqueles ligados ao meio dos negócios, talvez pelo interesse de preservar o capitalismo ele próprio, pareceu necessário uma maior coletivização e cooperação municipal entre os cidadãos [Krueckeberger, 1983]. Entretanto, o senso comum não foi considerado um *a priori*. Também ele exigia ser construído coletivamente. Donde a questão foi, portanto, a de informar mas também formar e, portanto, definir o papel e o lugar que assumirá, dentre os problemas urbanos, os temas educativos.

As cidades e os homens - a dupla construção

Essa escola de urbanismo, ao mesmo tempo local e transnacional se definiria, assim, primeiramente por seu caráter ativista mas não partidário. Talvez republicano no sentido primeiro da palavra. Além do mais, ela seria cada vez mais laica, mesmo quando marcada de início por orientações religiosas. Em contraste, ela teria fé no papel político da opinião pública mas desejosa de separar as práticas ligadas à organização de partidos políticos da administração dos negócios públicos.

Apoiada por muitas organizações cívicas e por diferentes movimentos associativos e de solidariedade, que já se multiplicavam em numerosas cidades através do mundo, ela se situaria nos interstícios de uma cultura "profissional" e taxinômica da sociedade que se afirma também nas duas primeiras décadas do século XX.

Esta cultura procura não apenas classificar, mas sobretudo definir papéis e funções sociais (os '*role playing*' dos sociólogos de Chicago) tendo em vista a construção de uma nova ordem social mas que também contribuí para definir os novos tipos de "profissionais" da cidade: primeiro o *city planner*, o planejador urbano ou o urbanista mas também o *city manager*, isto é, o gerente ou administrador da cidade. Enfim, ela será marcada por uma reflexão diferenciada e particularista da administração municipal que igualmente se afirma *pari passu* com a expansão do comparatismo e do internacionalismo que ela própria estimula e são índices dos tempos liberais e das crises urbanas.

De fato, para os rotarianos a vida social parece ser uma espécie de agenciamento de uma roda de múltiplas engrenagens cujo emblema, de resto, o clube adota. Cada indivíduo é percebido como um componente que serve socialmente a uma função dada e que coloca, por sua "ação" individual e coletiva, em permanência essas engrenagens em movimento. Ora, nessa mecânica a noção de ator e uma atenção ao "papel em cena" (ao *role playing*) tornam-se centrais para toda manutenção ou correção do "funcionamento" da sociedade.

Talvez venha desse traço o interesse atribuído pelo meio acadêmico de Chicago e por certos intelectuais a toda forma de vínculo social e aos "processos de associação". Nessa perspectiva a cidade torna-se objeto de enquetes, de cartografias, de artigos, de teses, de livros que visam reformá-la mas sobretudo instituí-la no interior de seus fundamentos contemporâneos, sociais e ambientais. Diferentes esforços de definição empírica do que seria socialmente "a cidade" ou a busca dos sentidos "ocultos" das suas lógicas formais motivam os estudos e os *surveys* que se acumulam nos anos 1910 ou mais tarde ainda.

Nos Estados Unidos, e em Chicago em particular, essa maneira de pensar a construção social complexa que são as cidades e o urbanismo encontram suas bases em um contexto de retomada do crescimento econômico, depois do período 1894-1897. Contudo esse cenário mais otimista continua a ser atravessado por parte de segmentos das elites econômicas ou intelectuais, pela ideia de um profundo desregramento cultural e moral. Entretanto, é certo que a impressão de que na cidade alguma coisa de novo e exemplar estava acontecendo com a ação pública dos movimentos associativos já havia atirado a atenção daqueles preocupados com a corrupção política e dos negócios municipais. Como se sabe, o jornalista Lincoln Steffens, importante autor de *The Shame of the Cities* (1904) e *The Struggle for Self-Government* (1906) em seu combate pela moralização política já havia proclamado diante do trabalho da *Municipal Voters League*, criada em 1896 [Teaford; 2000, 347], que Chicago representava ao mesmo tempo uma "'ilustração" e um triunfo" das reformas sociais e, a este título, poderia dar lições às outras cidades dos Estados Unidos. [Steffens, 1904]

Essa visão ao mesmo tempo da sociedade e de seu modo de governo "no qual a [inter] ação e não a especulação é o ensinamento supremo", se consolida nos anos 1900-1920: isto é, após o desenvolvimento da "escola de arquitetura" e antes da de sociologia - não custa lembrar - que deve, portanto, ser vista como estreitamente ligada às experiências e práticas amadurecidas no interior deste aprendizado cívico do urbanismo e da governança urbana, talvez até como sua consequência.

Como se viu, quando Robert E. Park, que havia se instalado na cidade em 1913, volta-se, em 1915, para as questões urbanas com a publicação de *The City* o grande plano de urbanismo para Chicago, realizado por iniciativa do *Commercial Club*, com projeto de Daniel H. Burnham e Edward H. Bennet, não só já havia se tornado público desde 1909 como também havia sido debatido durante mais de 3 anos. Sua elaboração havia exigido mais de 200 reuniões dos membros de um *General Committee* criado para debater entre si, com Burnham e com importantes líderes de setores organizados da sociedade as premissas a serem adotadas. O resultado dos trabalhos⁶, também já haviam sido apresentados e oferecido ao Mayor Fred Busse, que criaria a *Chicago City Plan Commission* (CPC) composta de mais de 300 membros entre homens de negócio, políticos e dirigentes de movimentos cívicos tendo por presidente o construtor e *real estate developer* e líder cívico Charles J. Wacker. [Pereira, 2011]

Por fim, uma das primeiras ações da CPC foi contratar Walter Dwight Moody, importante *manager of civic organizations* e *promoter* para publicizar o plano junto à população da cidade. Moody elaborara o que viria a ser o *Wacker's Manual of the Plan of Chicago: Municipal Economy*, publicado pela primeira vez em 1911 e adotado em todas as escolas públicas da cidade durante toda a década de 1910 até meados dos anos 1920. O *Wacker's Manual* talvez tenha sido uma das primeiras cartilhas de urbanismo enfocando a sua própria história como campo de ação pública. A história das cidades até o século XIX, as obras de embelezamento urbano do período barroco ou aquelas de Paris, constituíam uma vasta narrativa na qual vinha se inserir a própria história de Chicago, levando os jovens estudantes a se perguntarem o que desejavam para sua própria cidade. Assim, os argumentos de Lannoy cotejando o pensamento teórico de Park e colocando-o em suas situações concretas de existência, também sublinhados por nós em outros textos sobre este tema, ganham sua verdadeira espessura uma vez que era inegável o efeito dessa dinâmica social tanto junto dos intelectuais, da universidade e da administração pública quanto na dinâmica dos movimentos sociais, dentre eles o Rotary Club.

A importância que noções como a de "interação", de "atitude", de "valor social" passam a ter na obra de pesquisadores de diferentes departamentos da Universidade de Chicago - de Simmel à Dewey, passando por Small, Mead ou Thomas, - deve encontrar suas próprias razões no ambiente de intenso debate sobre as novas instituições que exigem a cidade e os direitos urbanísticos. [Grafmayer e Joseph, 1990; Chapoulie: 2001]

⁶ *Plan of Chicago Prepared under the direction of Commercial Club during the years 1906, 1907, 1908 1909*

Como Abbot, notou: “reformadores como Adams e Small e até a geração seguinte de Charles E. Merriam and W.I.Thomas estavam profunda e cuidadosamente imersos nessa visão imediata da cidade” e certamente é tendo na memória os relatos dessas experiências que compreendemos os trabalhos do clássico de Park de 1915 ou de reformadores como Walter Moody e seu *What on the City* (1919) [Krueckeberger, 1983, 76-84] ou um título como o de Louis Wirth, *Urbanisme as way of life* (1938), e suas tentativas, aqui também, de clarificar o sentido de palavras como cidade, urbanização, urbanismo.

A efervescência crescente dos debates de temas de interesse coletivo na cidade coincide também com a lenta mas progressiva ampliação da esfera de ação e das metas do Rotary Club, que embora não sendo consensual passam a marcar o seu perfil e se exportam. Pode-se dizer, que grosso modo, o Rotary foi se auto-definindo e organizando assim a sua própria agenda em paralelo, ao próprio processo de discussão sobre a natureza da cidade e dos papéis sociais desempenhados por cada ator, coletiva e individualmente, estimulado pelos debates em torno do *Plan of Chicago*.

Chicago, por sua vez, da ideia de um "laboratório de sociologia", avançada por Albion Small nos anos 1896 ou de um "imenso reservatório humano" [Chapoulie, 43] como a viu Max Weber, em 1904, ao longo de mais de 30 anos se afirma como o espaço de uma « neo-democracy »⁷ até perder espaço para Nova Iorque nos anos 1920-30.

Podemos acrescentar que é esta herança que aporta ao Brasil, por caminhos sinuosos, e por sua vez encontrará, às vezes, condições de possibilidades de florescer até ser cerceada pelo golpe de estado de 1937. No Rio, o caminho que Everardo Beckhauser buscou de modo intuitivo abrir nos anos 1900-1920 com tanta dificuldade, às vezes justamente se aproxima de um ou de outro aspectos tanto desse associativismo quanto desse municipalismo. Em São Paulo, é parte destas experiências que Anhaia Mello retira dos livros cada vez mais de origem norte-americana que lê e tenta implantar com a redação de suas conferências tornadas, elas também livro - o primeiro publicado em português com a palavra urbanismo no título, pelos esforços do Rotary Club.

É também desse grande esforço coletivo no soerguimento de Chicago ou de invenção de tantas cidades dos Estados Unidos que ele pensa o futuro de São Paulo, sem sucesso, como prefeito, mas que continuará a perseguir o resto da vida. Enfim, talvez seja olhando Burnham e Moody que ele buscará, sem renunciar a tecnicidade que lhe foi historicamente e socialmente possível dominar, que ele passará a auxiliar, a seu modo, a fazer uns e outros entenderem que "everyone plans", isto é, é um construtor da cidade, e é também um tipo de *urbanista*. Mas discorrer sobre seus percursos exige ainda outro fôlego e se deter sobre outros capítulos da luta pela inclusão e pela cidadania

BIBLIOGRAFIA:

⁷ A expressão para designar esse momento da vida política dos Estados Unidos é de Stow Persons in *American Minds, A history of Ideas*,

Abbott, C. "Planning Chicago". In J. Grossman.; A.D. Keating;; J. Reiff, *The Encyclopedia of Chicago*. Londres: University of Chicago Press, 2000.

Castex Jean. *Chicago 1910-1930: le chantier de la ville moderne*. Paris: ed. de la Villette, 2009.

Choay Françoise. "Destinos da Cidade européia: séculos XIX e XX". In: *RUA* v.4 nº1, 1996.

Chapoulie, J-M. *La tradition sociologique de Chicago 1892-1961*. Paris: Seuil, 2001.

Dogliani, Patrizia. *Un laboratorio di socialismo municipale: la Francia, 1870-1920*. Milano: Franco Angeli, 1992.

Krueckeberger, D.A. *The American Planner: biographies and recollections*. New York: Methuen, 1983.

Gaudin, Jean-Pierre. *L'action publique - sociologie et politique*. Paris: Presses de Science Po, 2004.

_____. *Le socialisme municipal en Europe*. Munique: Oldenbourg Verlag, 2001.

Grafmayer, Yves e Joseph, Isaac. *L'École de Chicago. Naissance de l'écologie urbaine*. Paris: Aubier 1990.

Lannoy, Pierre. "Quand Robert Park écrit « La ville » (1915). Essai de scientométrie qualitative". In: *Revue d'Histoire des Sciences Humaines* 2/2004 (no 11) , p. 157-184.

Pereira, Margareth da Silva. "Localistas e cosmopolitas; a rede dos Rotary Club Internacional e os primórdios do Urbanismo no Brasil (1905-1935)" In: *Oculum Ensaio nº13*, Campinas, Janeiro-Junho 2011, pp 45-62.

Persons, Stow. *American Minds, A history of Ideas*. New York: H.Holt ,1958

Teaford, John C. "Good government movements" . In: J. Grossman.; A.D. Keating;; J. Reiff, *The Encyclopedia of Chicago* Londres: University of Chicago Press, 2000.

Topalov, Christian. *La nebuleuse reformatrice et ses reseaux en France, 1880-1914*. Paris: Editions de l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales. 1999.